



As Eleições na Inglaterra Conservadores¹ e Liberais²

Karl Marx
no New York Tribune 1852

Os resultados das Eleições Gerais para o Parlamento Britânico são conhecidos agora. Este resultado devo analisar mais plenamente na minha próxima carta.

Quais foram os partidos que durante esta agitação eleitoral se opuseram ou apoiaram-se uns aos outros?

Conservadores, Liberais, Liberais-Conservadores (Peelistas),³ Livres-Cambistas, *par excellence* (os homens da Escola de Manchester,¹ Parlamentares e Reformistas Financeiros), e por último, os Cartistas.⁴

Liberais, Livres-Cambistas e Peelistas coligaram-se para se opor aos Conservadores. Foi entre esta coalizão de um lado e os Conservadores do outro, que a verdadeira batalha eleitoral foi travada. Em oposição aos Liberais, Peelistas, Livres-Cambistas e Conservadores e, portanto, em oposição à Inglaterra oficial inteira, estavam os Cartistas.

Os partidos políticos da Grã-Bretanha são suficientemente conhecidos nos Estados Unidos. Será adequado lembrar, em uns poucos toques da pena, as características distintivas de cada um deles.

Até 1846 os Conservadores se passavam como os guardiões das tradições da Velha Inglaterra. Eles eram suspeitos de admirar na Constituição britânica a oitava maravilha do mundo; de ser *laudatores temporis acti*,^{II} entusiastas do trono, do Alto Clero, dos privilégios e

1. Tories (Nota do Tradutor).

2. Whigs (N.T.)

3. No original, "Peelites", conservadores que apoiavam Sir Robert Peel, principalmente em sua reprovação às Leis do Milho de 1846. (N.T.)

4. No original, "Chartists" (N.T.)

liberdades do súdito britânico. O ano fatal, 1846, com sua rejeição das Leis do Milho, e o grito de angústia que esta rejeição arrancou dos Conservadores, provou que nada os entusiasmava se não a renda das terras, e ao mesmo tempo revelou sua ligação com as instituições políticas e religiosas da Velha Inglaterra. Essas instituições são as melhores de todas as instituições, com a ajuda das quais a grande propriedade de terra – o interesse da terra – tinha até então governado a Inglaterra, e mesmo agora busca manter seu controle. O ano de 1846 trouxe à luz *o interesse da classe abastada* que forma a *base real* do partido Conservador. O ano de 1846 rasgou ao meio a tradicionalmente venerável pele de leão, sob a qual o interesse de classe dos Conservadores até então se escondia. O ano de 1846 transformou os Conservadores em *Protecionistas*.

Conservador era um nome sagrado, Protecionista é um nome profano; Conservador era um grito de guerra político, Protecionista é um grito econômico de angústia; Conservador parecia uma ideia, um princípio; Protecionista é um interesse. Protecionistas de quê? De seus próprios lucros, da renda da sua própria terra. Então os Conservadores, – no fim, são burgueses tanto quanto o resto, pois onde está o burguês que não seja um protecionista de sua própria bolsa? Eles se distinguem dos outros burgueses, do mesmo modo que a renda da terra se distingue do lucro comercial e industrial. A renda da terra é conservadora, o lucro é progressista; a renda da terra é nacional, o lucro é cosmopolita; a renda da terra acredita na Igreja Estatal, o lucro é um herege nato. A rejeição das Leis do Milho de 1846 simplesmente reconheceu um fato já consumado, uma mudança há muito tempo encenada nos elementos da sociedade civil britânica, a saber, a subordinação do interesse da terra ao interesse dos endinheirados, da propriedade ao comércio, da agricultura à indústria manufatureira, do campo à cidade. Poderia este fato ser contestado uma vez que a população do campo está, na Inglaterra, para a população da cidade na proporção de um para três? O fundamento essencial do poder dos Conservadores era a renda da terra. A renda da terra é regulada pelo preço do alimento. O preço do alimento, então, era mantido artificialmente num alto valor pelas Leis do Milho. A rejeição das Leis do Milho derrubou o preço do alimento, o que por seu turno derrubou a renda da terra, e com a renda em queda quebrou-se a força real sobre a qual o poder dos Conservadores repousava.

O que, então, eles estão tentando fazer agora? Manter um poder político, do qual o fundamento social cessou de existir. E como isto pode ser alcançado? Por nada menos que uma *Contra-Revolução*, o que significa dizer, por uma reação do Estado contra a Sociedade. Eles se

esforçam para reter à força instituições e um poder político que estão condenados desde o exato momento em que a população rural se encontrou numericamente superada em três vezes pela população das cidades. E uma tentativa dessas deve necessariamente terminar com sua destruição; deve acelerar e fazer mais agudo o desenvolvimento social da Inglaterra; deve provocar uma crise.

Os Conservadores recrutam seu exército entre os fazendeiros, que ou ainda não perderam o hábito de seguir seus senhores de terra como seus superiores naturais, ou – que são economicamente dependentes deles, ou que ainda não veem que o interesse do fazendeiro e o interesse do senhor de terra não são mais os mesmo que os respectivos interesses do donatário e do arrendatário. Eles são seguidos e sustentados pelo Interesse Colonial, pelo Interesse da Marinha Mercante, do Partido da Igreja Estatal, resumindo, por todos aqueles elementos que o consideram necessário para resguardar seus interesses contra os inevitáveis resultados da indústria manufatureira moderna, e contra a revolução social preparada por ela.

Em oposição aos Conservadores, como seus inimigos hereditários, estão os Liberais, um partido com quem os Liberais⁵ Americanos^{III} não tem nada em comum além do nome.

O Liberal Britânico, na história natural de políticos, forma uma espécie que, como todos aqueles da classe anfíbia, existe com facilidade, mas é difícil de descrever. Nós poderíamos chamá-los, como seus adversários, de Conservadores fora do poder? Ou, como os escritores continentais gostam de fazê-lo, tomá-los como os representantes de certos princípios *populares*? Neste último caso, poderíamos encontrar as mesmas dificuldades como o historiador dos Liberais, Sr. Cooke, que, com grande *naïveté* confessa em sua “História dos Partidos” que é de fato um certo número de “princípios liberais, morais e iluministas” que constitui o partido Liberal, mas que é para ser imensamente lamentado que durante mais de um século e meio da existência dos Liberais, eles tenham sido, quando no poder, impedidos de por em prática esses princípios. De tal modo que na realidade, de acordo com a confissão de seu próprio historiador, os Liberais representam alguma coisa bem diferente de seus professados princípios liberais e iluministas. Assim eles estão na mesma posição que o bêbado trazido diante do prefeito que declarou que personificava o princípio da Temperança mas por um imprevisto ou outro sempre ficava bêbado aos domingos.

5. *American Whigs*, no original.(N.T.)

Mas não se preocupe com seus princípios; nós podemos compreender melhor o que eles são de fato historicamente; o que eles realizam, não o que eles uma vez acreditaram e o que querem agora que as outras pessoas acreditem a respeito de seu caráter.

Os Liberais tanto quanto os Conservadores, formam uma fração da grande propriedade fundiária da Grã-Bretanha. Mais ainda, a mais antiga, a mais rica e mais arrogante porção da propriedade fundiária inglesa é o verdadeiro núcleo do partido Liberal.

O que, então, os distingue dos Conservadores? Os Liberais são os *representantes aristocráticos* da burguesia, da classe média industrial e comercial. Sob a condição de que a Burguesia deve ceder a eles, a uma oligarquia de famílias aristocráticas, o monopólio do governo e a posse exclusiva dos cargos de poder, eles fazem à classe média, e dão-lhes assistência na conquista de todas aquelas concessões que – no curso do desenvolvimento social e político – haviam se mostrado tornadas *inevitáveis e inadiáveis*. Nem mais, nem menos. E sempre que uma medida assim inevitável é aprovada, eles declaram ruidosamente que com isto o fim do progresso histórico foi atingido; que a totalidade do movimento social alcançou seu propósito último, e então eles “*aferram-se ao fim*”. Eles podem suportar, mais facilmente que os Conservadores, uma redução da receita de seus aluguéis, porque eles se consideram os fazendeiros por direito divino das receitas do Império Britânico. Eles podem renunciar ao monopólio das Leis do Milho, desde que – eles mantenham o monopólio de governo como sua propriedade familiar. Desde a “revolução gloriosa” de 1688 os Liberais, com breves intervalos, causados principalmente pela primeira Revolução Francesa e a conseqüente reação, se encontraram no gozo dos cargos públicos.

Quem quer que relembre esse período da história inglesa, não encontrará nenhuma outra marca distintiva do Liberalato além da manutenção de sua oligarquia familiar. Os interesses e princípios que eles representam adicionalmente, de tempos em tempos, não pertencem aos Liberais; eles são impostos a eles pelo desenvolvimento da classe industrial e comercial, a Burguesia. Depois de 1688 nós os encontramos unidos à Bancocracia, então crescendo em importância, assim como os achamos em 1846 unidos com a Moinhocracia. Os Liberais fizeram tão pouco pela Lei de Reforma de 1831, quanto pela Lei do Livre Comércio de 1846. Ambos os movimentos da Reforma, o político tanto quanto o comercial, foram movimentos da Burguesia. Assim que cada um desses movimentos evoluiu para a irresistibilidade; assim que, ao mesmo tempo, se tornou o meio mais seguro de tirar os Conservadores

do poder, os Liberais se puseram à frente, tomaram a direção do Governo, e asseguraram para si mesmos a parte governamental da vitória. Em 1831 eles estenderam a porção política da reforma até onde era necessário para não deixar a classe média totalmente insatisfeita; depois de 1846 eles restringiram suas medidas de Livre Comércio até onde era necessário, para preservar para a aristocracia fundiária o maior montante possível de privilégios. A cada vez, eles tomaram o movimento nas mãos para prevenir seu avanço, e para recuperar seus próprios postos ao mesmo tempo.

Está claro que a partir do momento em que a aristocracia fundiária não é mais capaz de manter sua posição como um poder independente, de lutar, como um partido independente, pela posição de governo, em resumo, a partir do momento em que os Conservadores são definitivamente superados, a história britânica não tem mais qualquer lugar para os Liberais. A aristocracia uma vez destruída, para que serve uma representação aristocrática da Burguesia contra esta aristocracia?

É bem conhecido o fato de que na idade média os Imperadores Alemães puseram as cidades então em desenvolvimento sob Governadores Imperiais, “*advocati*”, para proteger essas cidades da nobreza circundante. Assim que a crescente população e riqueza crescentes lhes deram força e independência suficientes para resistir, e mesmo atacar a nobreza, as cidades também expulsaram os Governadores nobres, os *advocati*.

Os liberais foram esses *advocati* da Classe Média Britânica, e seu monopólio governamental deve ser rompido assim que o monopólio fundiário dos Conservadores for rompido. Na mesma medida em que a Classe Média desenvolveu sua força independente, eles encolheram de um partido para um círculo de interesses.⁶

É evidente que uma mistura desagradavelmente heterogênea o caráter dos Liberais Britânicos deve se tornar: Feudalistas, que são ao mesmo tempo Malthusianos, dinheiristas com preconceitos feudais, aristocratas sem ponto de honra, burgueses sem atividade industrial, finalidade – homens com frases progressistas, progressistas com Conservadorismo fanático, traficantes em doses homeopáticas de reformas, favorecedores da família – nepotismo, Grande Mestres da corrupção, hipócritas de religião, Tartufos de políticos. A massa do povo inglês tem um sólido senso comum estético.

6. No original “*coterie*”, “pequeno grupo que divide interesses e gostos, especialmente aqueles exclusivos”. Galicismo também presente no português, em inglês não tem a mesma conotação pejorativa. (N.T.)

Eles têm um ódio instintivo contra tudo que é heterogêneo e ambíguo, contra morcegos e Russelistas.⁷ E então, com os Conservadores, a massa do povo inglês, o proletariado urbano e rural, tem em comum o ódio contra os “dinheiristas”. Com a Burguesia tem em comum o ódio contra os aristocratas. Nos Liberais, ela odeia um e outro, aristocratas e burgueses, o senhor da terra que a oprime, e o senhor do dinheiro que a explora. Nos liberais ela odeia a oligarquia que governou a Inglaterra por mais de um século, e pela qual o Povo é excluído da direção de seus próprios assuntos.

Os Peelistas (Liberais e Conservadores) não são um partido, eles são meramente o *souvenir* de um partidário, do falecido Sir Robert Peel. Mas os ingleses são prosaicos demais, para um *souvenir* formar, entre eles, a fundação de nada além de elegias. E agora, que o povo ergueu monumentos de bronze e mármore ao falecido Sir Robert Peel em todas as partes do país, eles acreditam que são capazes de fazer ainda mais sem esses monumentos a Peel ambulantes, os Grahams, os Gladstones, os Cardwells, etc. Os assim chamados Peelistas não são nada além desse quadro de burocratas que Robert Peel treinou para si mesmo. E porque ele formou um quadro bem completo, eles esqueceram por um momento que não há nenhum exército por trás deles. Os Peelistas, portanto, são velhos apoiadores de Sir R. Peel, que ainda não chegaram a uma conclusão de qual partido eles devem se filiar. É evidente que uma dúvida similar não é um meio suficiente para eles constituírem um poder independente.

Restam os Livres-Cambistas e os Cartistas, de cujo caráter um breve apanhado irá compor o assunto do meu próximo artigo.

Notas

- I. Escola de Manchester: Uma escola de economistas burgueses ingleses, Livres-Cambistas, que defende a liberdade de comércio e a não interferência do governo na empresa privada. Os industriais de Manchester representam um papel particularmente ativo nessa escola. Nos apelos hipócritas que dirigem às massas populares contra os privilégios da aristocracia, os Livres-Cambistas estão meramente resguardando os interesses da burguesia industrial e comercial. “O que eles desejam,” Marx escreveu, “é a completa e indisfarçada ascendência da burguesia, a sujeição aberta, oficial da sociedade em geral sob as leis da

7. Referência ao primeiro ministro britânico na época, o Liberal John Russell? (N.T.)

produção burguesa, moderna, e sob as regras daqueles homens que são os diretores daquela produção. Por Livre Comércio eles querem dizer o movimento irrestrito do capital, livre de qualquer grilhão político, nacional e religioso”. Os Manchesterianos eram muito moderados em sua oposição à aristocracia e firmaram um compromisso com ela para combaterem juntamente toda atividade política independente da parte da classe trabalhadora.

- II. Pessoas que louvam o passado.
- III. Liberais Americanos: Um partido político conhecido como os Liberais foi fundado nos Estados Unidos em 1832. Ele representou uma coligação de elementos da burguesia nos estados do nordeste com os fazendeiros do sul que estavam interessados em promover a indústria estadunidense através do desenvolvimento do sistema de *plantation*. Em 1852 o partido se dividiu sobre o tema da extensão da escravidão para os novos estados do oeste. A ala esquerda formou o núcleo do burguês Partido Republicano, que buscou restringir a escravidão aos estados do sul, enquanto que a ala direita constituiu o Partido Democrático, que favoreceu a escravidão territorialmente irrestrita.

Fonte: Marx Engels On Britain, Progress Publishers 1953;

Escrito: por Marx, Londres, 6 de agosto de 1852;

Publicado pela primeira vez: *New York Daily Tribune* de 21 de agosto de 1852;

Transcrito: por Andy Blunden.

Tradução: Pedro Crem